

INTRODUÇÃO À FRANCO-MAÇONARIA

A Franco-Maçonaria é uma associação que guarda bem vivas certas formas tradicionais dos ensinamentos secretos iniciáticos. Como todas as iniciações tradicionais, comporta experiências renovadas pelos antigos Mistérios, principalmente os egípcios.

Ela abre caminho à Iniciação, isto é, ao conhecimento, através de seus símbolos. Tem como finalidade formar homens de bem, moralmente irrepreensíveis, pensadores e sábios, elevando-os acima da condição comum os seus contemporâneos, ao mesmo tempo por seleção e por iniciação.

A cerimônia de recepção de um novo maçom se chama iniciação. Etimologicamente, iniciação provém da raiz latina *"initium"*, que significa "início". Iniciar quer dizer colocar na trilha do começo. É acionar um mecanismo de reflexão e trabalho interior. O Iniciado é aquele que foi colocado na "Senda da Luz" por outro.

Ora, a Franco-maçonaria é uma verdadeira escola de Iniciação e não, como a julgam comumente (e a transformaram efetivamente) uma associação fraterna com finalidades recreativas, filantrópicas ou políticas.

A iniciação, tal como concebiam as antigas "Escolas dos Mistérios" deve abrir portas até então interditas ao recipiendário. Além do mais, a transmissão ininterrupta dos "poderes" integra o impetrante à Egrégora da Ordem e do grupo e o faz participar, apesar dele, da vida mística e profunda da própria essência dos símbolos.

Pode ocorrer, entretanto, que certos homens, depois de terem sido iniciados continuem profanos. É que a iniciação ritualística é um processo que vem de fora para dentro, isto é, seus ritos, executados fisicamente, tem que repercutir na mente do iniciado, para que este assimile seus ensinamentos e os ponha em prática. Primeiro em si mesmo, depois, junto aos seus pares e frente ao mundo.

A iniciação maçônica não é somente intelectual, ela importa inicialmente em a aquisição de certos conhecimentos específicos, mas, uma vez assimilados, deverão ser executados. Somente da execução desse trabalho é que resultará a obra. Por isso o cerne do simbolismo maçônico é o trabalho do pedreiro. O método maçônico pressupõe o trinômio: conhecimento – trabalho – obra.

Por isso o pano de fundo do simbolismo maçônico é a história da construção do Templo de Salomão. A arte de construir o templo ideal é o objetivo proposto pela franco-maçonaria. Esse templo é primeiro o homem, depois a sociedade.

1. A Legenda Maçônica: A Construção do Templo de Salomão

Eliphaz Levis, em uma brilhante síntese, em seu Livro dos Esplendores nos apresenta a Lenda de Hiram Abif, minuciosamente elaborada:

"Salomão, o mais sábio entre os Reis de seu tempo, desejando erigir um Templo ao Eterno, fez reunir em Jerusalém o número necessário de obreiros para construí-lo.

Publicou um edital em seu reino e o difundiu entre as nações comunicando que quem quisesse ir a Jerusalém para trabalhar na construção do Templo, seria bem acolhido e recomendado com a condição de ser virtuoso, zeloso e de valor, livre de vícios.

Acorreu de imediato uma multidão de homens para candidatarem-se ao trabalho. Salomão, contando com tão grande número de obreiros, assinou tratados com os reis vizinhos, em particular com o rei de Tiro, para que pudesse escolher do Monte Líbano, os cedros e as madeiras que lhe convinham, bem como uma variedade de outros materiais.

Já haviam sido iniciadas as obras, quando Salomão lembrou-se de um homem, Hiram, que na sua época era considerado o mais experto em arquitetura, sábio e virtuoso, a quem o rei de Tiro dispensava singular estima devido às suas grandes qualidades; dera-se conta, também, de que o grande número de obreiros exigia uma organização ímpar, eis que já começavam a surgir contínuas discussões entre eles e os que os administravam.

Salomão resolveu dar-lhes um chefe para manter a ordem e elegeu Híram Abif, tírio de nascimento. Enviou ao rei de Tiro mensageiros com valiosos presentes a fim de rogar-lhe que lhe cedesse aquele famoso arquiteto.

O rei de Tiro, satisfeito pelo alto conceito que Salomão tinha de si, fez a concessão e lhe enviou Hiram, retribuindo os presentes, expressando sua amizade sincera a Salomão, acrescentando que além do tratado concertado, concedia-lhe uma aliança ilimitada, podendo dispor de quanto de útil seu reino poderia oferecer.

Os mensageiros retornaram a Jerusalém, no dia 15 de julho... um formoso dia de verão.

Entraram no palácio de Salomão, que recebeu Hiram com toda pompa de sua magnificência em consideração às suas elevadas qualidades. Houve uma grande festa para os obreiros para comemorar a sua chegada.

No dia seguinte, Salomão reuniu a Câmara do Conselho, para resolver os assuntos da construção; Hiram foi admitido à reunião, recebendo os projetos dos concorrentes. Salomão lhe disse, na presença de todos: "Hiram, eu vos escolho por chefe e arquiteto maior do Templo, assim como de todos os obreiros; vos transmito meu poder sobre eles sem que haja necessidade de outra opinião, senão a vossa; assim que vos tenha como um amigo a quem confiarei o maior dos meus segredos".

Em seguida, saíram de Câmara do Conselho e dirigiram-se às obras, onde o próprio Salomão, pessoalmente, disse aos obreiros em voz alta e inteligível, mostrando a Hiram:

"Eis aqui ao que escolhi para ser vosso chefe para guiar-vos: o obedecereis como se fosse a mim mesmo; lhe concedo amplo poder sobre vós e sobre as obras, sob pena de que os desobedientes recebam o castigo que ele mesmo bem entender de aplicar

Em seguida, inspecionaram o trabalho; tudo foi submetido às ordens de Hiram, que prometeu cumprir sua missão com êxito. No dia seguinte, Hiram reuniu a todos os obreiros e lhes disse: "Meus amigos, o Rei nosso senhor, me confiou o cuidado de dirigir-vos e normalizar os trabalhos do Templo. Não tenho dúvidas que não faltará a nenhum de vós, o zelo para executar as suas ordens e as minhas. Entre vós, existe quem deve merecer salário mais elevado; cada um poderá alcançá-lo mediante provas sucessivas de seu trabalho. Para tranqüilidade e prêmio de vosso zelo, formarei três classes de operários; a primeira compor-se-á de Aprendizes, a segunda de Oficiais e a terceira, de Mestres.

"A primeira será paga como tal, e receberá o seu salário à porta do Templo, na Coluna "J".

A segunda será paga como tal, e receberá seu salário à Porta do Templo na Coluna "B".

E a terceira, no Santuário do Templo".

Foram aumentados os salários segundo os Graus e cada obreiro considerou-se feliz de encontrar-se sob o comando de tão digno Chefe; a paz, a amizade e a concórdia

passaram a reinar entre eles.

O respeitável Hiram, desejando que tudo transcorresse na mais perfeita ordem e para evitar qualquer confusão entre os obreiros, aplicou a cada um dos Graus, Palavras e Toques para o reconhecimento, com a proibição de darem comunicados entre si, sem a permissão expressa do Rei Salomão e de seu Chefe, de modo que cada um receberia o seu salário de acordo com o seu sinal, de sorte que os Mestres seriam pagos como mestres, assim como os Oficiais e os Aprendizes,

Acertada essa perfeita regra, tudo transcorria em paz e as obras continuavam segundo o desejo de Salomão.”

2. Origens históricas da maçonaria

A origem da tradição iniciática, mãe da maçonaria, se perde na noite dos tempos. Entretanto, a maçonaria, como instituição moderna, tem como origem de sua forma, as corporações de ofício dos pedreiros e contrutores medievais. Suas bases são extraídas dos antigos manuscritos, mais conhecidos como “*Old Charges*”, que foram em grande número, principalmente a partir do “Poema Regius” de 1390.

Entretanto, historicamente, até hoje não foi possível precisar em que momento a maçonaria surgiu como um movimento iniciático intelectual e moral. Não se pode estabelecer com exatidão essa passagem de uma maçonaria operativa (de contrutores) para uma maçonaria especulativa (de iniciados). Com rigor, entretanto, se tem por hábito determinar o nascimento da maçonaria especulativa no solstício de verão de 1717 com a união de quatro lojas inglesas.

Em 1722, James Anderson compila a regra dos maçons, sob o título de “*Constitutions of Free Masons*”, que ficaram conhecidas entretanto, como “As Constituições de Anderson”.

A Franco-Maçonaria, foi muito florescente nos anos que se seguiram, e com seu crescimento, formou duas seções distintas, mas intimamente ligadas: A maçonaria simbólica e a maçonaria escocesa.

A primeira (Freemasonry), chega à França, importada da Inglaterra, em torno de 1730 e compreendia apenas três graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Pela cor dos seus colares os chamavam comumente de graus azuis. Nomeavam de Lojas as suas assembléias. Na França, eram observados fielmente os usos de seus irmãos ingleses: professavam um humanitarismo e tinha por programa oficial a educação social dos maçons, que aprendiam a praticar a igualdade e a fraternidade.

A segunda, chamada maçonaria escocesa, mas nascida na França quinze anos mais tarde, cultivava o que chamavam Altos Graus, cujos titulares se reuniam em seus Capítulos ou Conselhos. Cada Capítulo tinha seu procedimento próprio, cujos graus lhe eram peculiares e os praticavam de forma independente, não havendo uma uniformidade. Os graus escoceses, acessíveis apenas aos detentores dos graus azuis, diferentes entre si, eram, entretanto, variantes de alguns tipos fundamentais, com conteúdo rosa-cruz, alquímico, templário, filosófico, egípcios e outros. Esses capítulos, difundindo-se, deram origem aos Ritos, dos quais (mais de uma centena) apenas alguns sobreviveram. Cada rito se propunha a ser uma escola iniciática dentro de uma sistemática própria, com fins determinados.

3. O Rito de Misraïm

Por Robert Ambelaim

Este rito surgiu em Veneza, em 1788. O nome Misraïm é tão somente o plural de Egípcio, única lembrança do Rito Egípcio de Cagliostro que lhe transmitiu a personalidade obediencial.

Michel, Marc e Joseph Bédarride, nascidos em Avignon e em Cavailon, pertenciam à armada napoleônica. Michel era inspetor dos Víveres, Marc era chefe de batalhão e Joseph capitão do trem da artilharia. Iniciados numa Loja de campanha da armada da Itália, A Candura, Oriente de Cezena, exerceram grande atividade maçônica, principalmente Marc, que fundou várias Lojas militares.

De 1810 a 1813, os três irmãos Bédarride desenvolveram o Rito de Misraïm na França com sucesso, quase que sob a proteção do Rito Escocês, contando com nomes de maçons ilustres à sua frente: o conde Muraire, Soberano Grande Comendador do Rito Escocês Antigo e Aceito, o duque Decazes, o duque de Saxe-Weimar, o duque de Leicester, o general barão Teste, etc. Rapidamente, durante o Terror Branco, o Misraïm tomou-se a Obediência maçônica que transmitia o mestrado aos Carbonari. Esse Rito reuniu então 22 lojas em Paris, 6 em Lyon, 6 em Metz, 5 em Toulouse, 3 em Bordeaux, 3 em Genebra, 3 em Lausanne, 1 em Courtray.

4. O Rito de Memphis

A maioria dos membros da Missão do Egito que acompanharam Napoleão Bonaparte era composta de maçons dos antigos Ritos iniciáticos: Filaletes, Irmãos Africanos, Rito Hermético, Filadelfos, Rito Primitivo, todos do Grande Oriente da França. Tendo descoberto no Cairo uma remanescência gnóstico-hermética e depois no Líbano essa maçonaria drusa, encontrada por Gerard de Nerval e que remontava aos Maçons operativos que acompanharam os Templários, seus protetores, os irmãos da Missão do Egito decidiram renunciar à filiação maçônica da Grande Loja de Londres e recomeçaram a partir de um novo Rito que não devia nada à Inglaterra. Assim, sob a direção de Samuel Honis e de Marconis de Negre, nasceu o Rito de Memphis, em 1815, em Montauban.

Gabriel-Mathieu Marconis, nome ao qual apôs-se “De Négre” em alusão a sua tez escura, nasceu no século XVIII em data desconhecida e foi um dos fundadores do Rito de Memphis na França. Figura entre os membros de um grupo esotérico que formou, no dia 23 de maio de 1815, em Montauban, a Loja Os Discípulos de Memphis, Loja mãe do Rito. Já como Grão Mestre do Ritode Memphis, foi eleito, em 21 de janeiro de 1816, Grão Mestre do Rito de Misraïm. Foi portanto um dos primeiros elos unificadores das duas Obediências “egípcias”. Era detentor de todos os graus do antigo Rito de Perfeição e de todos os graus do Rito Escocês Antigo e Aceito. Pesquisas recentes levam à conclusão de que foi também um dos membros do Rito Antigo e Primitivo que o pai do marquês de Chefdebien d’Aigrefeuille trouxe de Praga e introduziu na França após a Guerra de Sucessão da Austria. Conseqüentemente, era membro dos misteriosos capítulos dos Rosa-Cruzes do Grande Rosário, onde se estudava a pneumatologia, a teurgia, etc. Revelou-se assim, por meio dessas ligações, um iniciado nas ciências secretas.

Rapidamente, assim como o Rito de Misraim reunia os jacobinos nostálgicos da República e os Carbonari, o Rito de Memphis reuniu os militares inativos da ex-Grande

Armada e os bonapartistas fiéis à Águia. Aliás, os dois Ritos tiveram em 1816 o mesmo Grão Mestre Geral, ponto de partida para a futura fusão. Mas o Grande Oriente, então majoritariamente monarquista, com seu timbre que ostentava a flor-de-lis, conseguiu a dissolução do Rito de Memphis. Isso não durou muito e, em 1826, esse Rito retomou seus trabalhos sob a Obediência do mesmo Grande Oriente.

5. O Rito de Memphis-Misraïm

Até 1881, os Ritos de Memphis e de Misraim partilharam juntos e de comum acordo um espaço bastante peculiar; de fato, esses Ritos começaram a reunir numa dupla aliança os maçons do Grande Oriente da França e do Rito Escocês Antigo e Aceito que se interessavam pelos estudos relativos ao esoterismo do simbolismo maçônico, à gnose, à cabala, ao hermetismo e ao ocultismo. Ora, esses dois Ritos eram os herdeiros e depositários das antigas Obediências iniciáticas do século XVIII: Filaites, Filadelfos, Rito Hermético, Rito Primitivo, etc. Tudo isso representava 90 graus diversos para Misraïm e 95 para Memphis. Como administrar todo esse conjunto desigual? Quando Garibaldi foi designado primeiro Grão Mestre Geral ad vitam para o mundo inteiro, estabeleceu-se uma espécie de classificação, nem um pouco hierárquica a princípio, mas que acabou tornando-se rapidamente. De fato, os 95 graus do Rito de Memphis-Misraïm devem ser considerados como uma deambulação pelos antigos graus maçônicos que são pouco ou não são mais praticados, e não como uma escala de valores.

O acordo de 1863 com o Grande Oriente da França, e o de 1896 com a Grande Loja Simbólica Escocesa, futura Grande Loja da França se referem apenas aos 33 graus clássicos (Rito de Perfeição seguido pelo Rito Escocês Antigo e Aceito). As Oficinas superiores de Memphis-Misraïm praticavam obrigatoriamente: o 9º grau (Mestre Eleito dos Nove), o 18º grau (Cavaleiro Rosa-Cruz), o 30º grau (Cavaleiro Kadosh), o 32º grau (Príncipe do Real Segredo), o 33º grau (Soberano Grande Inspetor Geral). Os 66º, 90º e 95º graus são conferidos honorificamente a antigos Maçons como recompensa por seu valor e fidelidade. Os outros graus (Mestre Secreto, Real Arco, etc.) são facultativos e deixados à livre escolha dos irmãos dos graus superiores.

PRIMEIRO GRAU - APRENDIZ

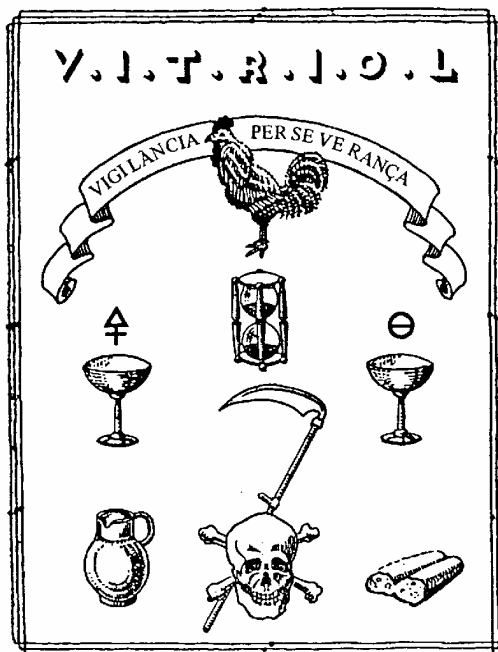
Extratos de “A Ciência Secreta”
De Henri Durville

1. A Câmara de Reflexões

O profano que se apresenta na Franco-Maçonaria é introduzido em um lugar retirado em que êle deve despojar-se de todos os metais, ou seja, todos os objetos de valor ou que lembrem o mundo profano que traga consigo.

Esta cerimônia tem por fim advertir que êle deve ser desprendido de tôdas as coisas que têm um brilho enganador, porque este ouro, êstes vãos atributos, não constituem o fim que o adepto deve atingir. Toda esta pompa é fictícia; tudo isso é mentira e ilusão. Não se constrange ao maçõn fazer voto de pobreza; apenas deseja-se fazer compreender que o dinheiro deve ser considerado por êle como um meio e não como um fim.

Desembaraçado de seus metais, o profano é introduzido numa sala isolada, chamada Câmara de reflexão. É levado a êsse gabinete com os olhos vendados e é somente aí que se lhe tira a venda. Esta câmara de reflexão é um lugar inteiramente sinistro. As paredes são completamente negras e, como decoração, não apresentam senão esqueletos, caveiras e lágrimas.



Vêm-se também uma foice, um galo e uma ampulheta. O símbolo da foice é fácil de compreender; é ainda o pensamento da morte. Entre o galo e a ampulheta lêem-se as palavras: Vigilância e Perseverança.

O galo significa que êle deve meditar: “Sou eu quem desperta o dia; não percas um instante, cuida em tornar-te perfeito. Vigia os teus defeitos, corrige-te, porque o momento está próximo em que receberás a Luz e deves ser digno. Esta Luz é o verdadeiro dia, a aurora imortal. Sê puro para saudá-la”.

A ampulheta, que foi o primeiro relógio, diz àquêle que vem: “O tempo passa

ainda mais depressa do que a minha areia; sê perseverante em tua ação; sabes tu quanto tens para concluir?"

Em tórno dêstes objetos traçados sôbre as paredes, para inspirar ao profano salutarex reflexões, acham-se as seguintes palavras:

Se é a curiosidade que te traz aqui, volta!

Se temes ser descobertos os teus defeitos, sentir-te-ás nú entre nós!

Se és capaz de dissimulação, treme, porque te penetraremos e leremos o fundo de teu coração!

Se tens apêgo às distinções humanas, sai, porque não se conhece isso aqui.

Se a tua alma sentiu medo, não vás mais longe!

Se perseveras, serás purificado pelos Elementos, sairás do abismo das trevas e verás a Luz!

Poder-se-á exigir de ti os maiores sacrifícios, mesmo o de tua vida; és capaz de fazê-los?

Portanto, pode pensar aquêlo que está encerrado nesta câmara que não é preciso vir a êste lugar senão para saber o que se passa. O que se deve fazer, então, é um esforço contínuo para a Sabedoria. A obra que se empreendeu é real e séria. E' preciso, antes de tudo, conhecer seus defeitos com a firme resolução de se desembaraçar dêles e de os substituir por qualidades; é uma completa reforma que pode tomar muitos anos.

A Câmara de reflexões, como o seu nome o indica, representa antes de tudo aquele estado de isolamento do mundo exterior que é necessário para a concentração ou reflexão íntima, com a qual nasce o pensamento independente e é encontrada a Verdade. Aquêle mundo interior para o qual devem dirigir-se nossos esforços e nossas análises para chegar, pela abstração, a conhecer o mundo transcendente da Realidade. É o "gnothi seautón" ou "conhece-te a ti mesmo" dos iniciados gregos e hindus, como único meio direto e individual para poder chegar a conhecer o Grande Mistério que nos circunda e envolve nosso próprio ser.

A mais notável das qualidades é a franqueza. A dissimulação é aquí imputada como um crime; é preciso que tôda palavra dita exprima claramente o pensamento daquêlo que a emite: não há mentira entre irmãos.

E a prova que tudo é fraternidade nesta associação é que tôdas as distinções humanas desaparecem; um adepto deve ser modesto.

Que é a vaidade para aquêlo que encontrou a verdadeira senda? Portanto não é preciso estremecer moral ou fisicamente. Certamente terá dificuldades na obra empreendida, mas com a perseverança que possui aquêlo a quem o prêço do tempo foi revelado fá-lo-á caminhar para o seu fim, para a Luz!

A sala de reflexão é mobiliada do modo mais simples possível; um banco é todo o seu mobiliário. Para acalmar a fome e a sêde: um pão grosseiro e uma taça de água. Um adepto não tem tempo a perder em refinamentos de gulodice, e o motivo está nisto: muito próximo da taça está uma caveira e ossadas que dizem quanto o tempo passa e o que êle pode fazer de nós.

Se o recém-chegado tem convicções religiosas, o Evangelho segundo São João está também sôbre a mesa. O Evangelho de S. João é a revelação esotérica da doutrina de Jesús.

O fim desta curta reclusão é levar o novo adepto a cuidar daquilo que êle quer fazer, não considerando a Franco-Maçonaria como uma espécie de limite. O adepto deve morrer para o mundo, separar-se - ao menos na parte de sua vida que consagra a êstes estudos - das preocupações cotidianas.

Uma vez na Loja, deve morrer para estas preocupações mundanas e começar

uma outra existência no sentido que as inscrições das paredes permitem perceber.

O postulante fica durante um certo tempo nesta sala. Deve refletir sobre os objetos que estão sob as suas vistas e o resultado de suas reflexões é-lhe perguntado na forma especial que vamos descrever.

Sobre a mesa, forrada de um tapete branco, o postulante encontra um tinteiro, uma caneta e um papel no qual estão escritas três questões, às quais tem o dever de responder:

Quais são os deveres do homem para com sua pátria?

Quais são os deveres do homem para consigo mesmo?

Quais são os deveres para com seus semelhantes?

Depois desta questão, há um grande espaço em branco, sobre o qual o novo Édipo deve inscrever as suas respostas. Não é sem custo que aquele que se encontra nesse asilo recolhido dá uma palavra a cada um destes enigmas. Mesmo aquele que sabe que este aparelho mortuário não custou a vida de ninguém, não deixa de experimentar uma certa inquietação, tanto que, voltando o papel entre as mãos, examinando-o antecipadamente, o postulante encontra a palavra TESTAMENTO, inscrita em grandes e negros caracteres, acima de um grande espaço branco, que é necessário preencher.

O postulante deve, pois, fazer seu testamento. Este testamento não é a disposição de seus bens depois de sua morte, mas um testamento filosófico, no qual ele renuncia a sua vida passada; é um ato ao termo do qual se dispõe a outras concepções e a uma vida que se harmoniza com os elementos novos. São estas as concepções: as que tinha e que abandona, as que adota e as que conserva como projeto de sua vida futura, segundo as leis preparadas pelas reflexões de hoje, que o postulante deve escrever.

Além disso, foi prevenido ao entrar no gabinete de reflexão; o irmão que o introduziu e o despojou da venda que lhe tapava os olhos, diz-lhe, libertando-o: "Breve passareis para uma vida nova... Respondei por escrito às questões que vos são apresentadas e fazei o vosso testamento".

Para aprender a pensar é necessário abstrair-se e isolar-se. Os antigos comparavam esta operação à uma descida aos infernos (*inferius*), eis que é necessário ao pensador penetrar até a essência íntima das coisas.

O espírito deve penetrar nas entranhas da terra, onde nenhum raio de luz do dia exterior penetra. No seio dessas trevas, a lâmpada da razão se fará presente. Nos mistérios de Ceres em Eleusis, o recipiendário era representado pelo grão que é enterrado no solo. Ele deve apodrecer a fim de dar nascimento a planta virtualmente encerrada no germe.

Isto, e a cor negra do quarto, trazem-nos à mente a antiga fórmula alquímica e hermética do Vitríolo: "Visita Interiora Terrae, Rectificando Invenies Occultum Lapidem", Visita ao interior da Terra: retificando encontrarás a pedra escondida". Isto é: desce às profundezas da terra, sob a superfície da aparência exterior que esconde a realidade interior das coisas e a revela; retificando teu ponto de vista e tua visão mental com o esquadro da razão e o discernimento espiritual, encontrarás aquela pedra oculta ou filosófica que constitui o Segredo dos Sábios e a verdadeira Sabedoria.

Admirável, por sua vez, também é o mito da caverna, no qual Platão ensina que o homem comum vive como se estivesse em uma caverna escura, de costas para a entrada. Dessa forma, o homem não vê diretamente qual é a fonte da luz, mas apenas vê refletida nas paredes a luz que penetra pela fenda. Ele vê apenas as sombras e os reflexos daquilo que acontece do lado de fora, no mundo real. Como nunca viu o real, ignora-o e acredita que as sombras são a realidade.

2. Preparação física do recipiendário

Agora vai despojar-se de uma parte de suas vestimentas. Isso deixa de parecer ridículo aos espíritos superficiais; entretanto, simbolismo deste gesto é notável.

Quando o grão é posto na terra para morrer, na aparência, êle vai começar um novo ciclo e, ainda que pareça destinado a morrer na sombra e na espessura do solo, contém em si mesmo tôdas. as possibilidades de vida.

Nos Mistérios, os hierofantes deviam explicar aos iniciados o mito do grão que se fende, brota e renasce à superfície do solo para recomençar um novo ciclo, com tanto ardor que cada primavera parece surpreender a terra pelo brotar espontâneo de tantos germes, mortos em aparência e, entretanto, vivos.

O recipiendário mostra-se decidido em aceitar a nova vida que lhe é feita. Põe-se sob a terra, não materialmente, mas nessa espécie de túmulo que é gabinete de reflexão. Está morto na sua vida; êle a deixou, pois o seu testamento étudo o que parece sobreviver do homem que foi. O grão se despoja e fende a casca. Eis porque o recipiendário, antes de deixar no túmulo o corpo — ou o que o representa — vai ser despojado de uma parte de suas vestimentas.



Seu aspecto é, então, assaz bizarro. A perna de sua calça é erguida alto do lado direito e a meia abaixada, de maneira que o joelho direito esteja descoberto. O pé esquerdo está completamente descalço. Vendam-se os olhos do neófito e do companheiro. Por que despi-lo assim?

O coração posto a descoberto exprime o sentimento de franqueza, do qual já encontramos referências entre as inscrições das paredes.

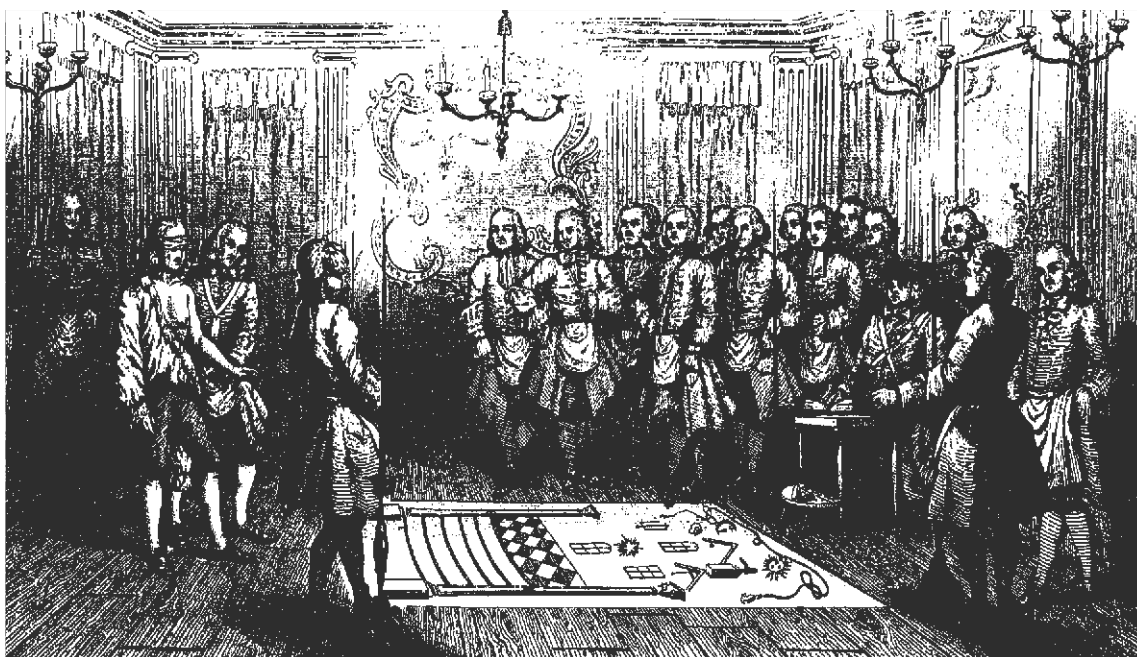
Um franco-maçom não deve ocultar aos seus irmãos os mais secretos pensamentos de seu coração e seu braço deve trabalhar a descoberto, livremente, francamente, na obra comum.

O joelho direito é aquêle que dobra e toca o chão em sinal de adoração. E' preciso que êste gesto de adoração seja feito com completa sinceridade e não como uma odiosa simulação.

Quanto ao pé esquerdo, nota as origens orientais da Ordem. Nota-se que os Orientais se descalçam para entrar em seus Templos, do mesmo modo que o franco-maçom dá êste sinal de respeito antes de entrar na Loja: não descalça senão o pé esquerdo; é o lado passivo.

3. Entrada do Recipiendário

É somente neste momento que é permitido ao postulante bater à porta da Loja. Bate fortes pancadas que se relacionam com as palavras: “Batei e abrir-se-vos-a”. A porta abre-se, deixando-o passar com os olhos vendados.



A voz do venerável pergunta-lhe o que quer. Expõe, então, o seu desejo de entrar na Franco-Maçonaria e responde a tôdas as perguntas que lhe são apresentadas; é preciso provar que é um homem livre e de bons costumes. São as únicas condições reclamadas para a sua aceitação. É, pois, admitido e a porta que estava entreaberta abre-se com ruído. Ele está no Templo, porém, para atravessar o limiar, o profano deve curvar-se até ao chão. Esta idéia é tomada da iniciação egípcia.

Vimos que, no antigo Egito, o neófito devia rastejar nos corredores e subterrâneos sufocantes, antes de entrar nas vastas salas dos hipogeus. Era a experiência da Terra.

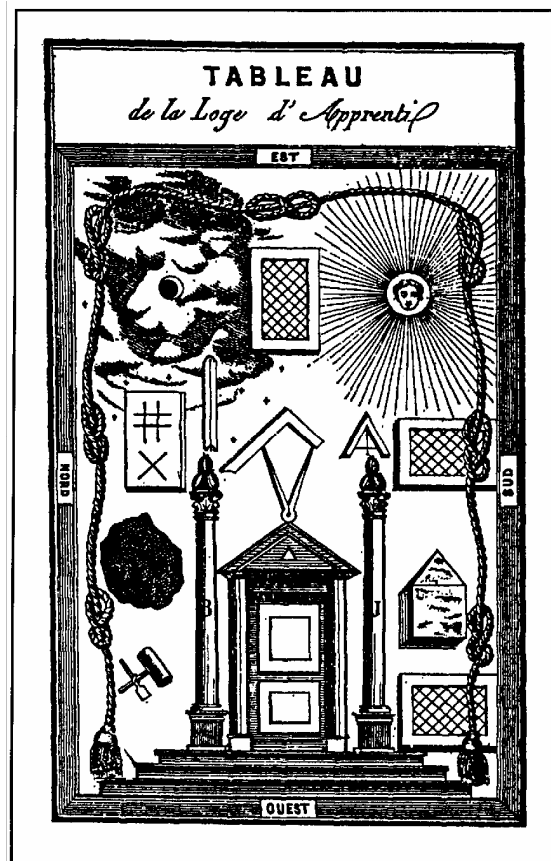
Precisaria, depois, sofrer as experiências do Fôgo, da Água e do Ar — os quatro elementos dos hermetistas.

Esta primeira parte da iniciação corresponde ao inverno no ciclo do ano, e, no curso da vida humana à vida fetal, que se passa em segredo no seio materno.

A criança, que é chamada à luz, vive nove meses sem luz; assim, o futuro adepto deve ser privado de claridade e de fôrça até o momento em que a luz e a fôrça lhe forem concedidas.

O recipiendário, introduzido no Templo, continua a ter os olhos vendados. Não é ainda adepto, nem mesmo um aprendiz; nada sabe; ainda não vê; não lhe é permitido senão sentir.

É o que significa a experiência do gladio. A ponta de uma espada nua está dirigida para o peito do recipiendário. Antes de lhe confiar o segredo, faz-se sentir ao profano qual será o castigo de sua traição, se ele fôr tentado a cometê-la.



4. As viagens

Produzida tal sensação, o venerável apresenta questões àquele que vem para êle, pergunta-lhe se refletiu bem o que é a Franco-Maçonaria, que idéia fez e, segundo as respostas que manifestam o resultado de suas meditações, o postulante é interrogado sôbre a sua intrepidez em sofrer as rudes experiências, às quais deverá ser submetido.

Diante da sua resposta afirmativa, começam imediatamente as viagens através das experiências.

A primeira viagem — para empregar a expressão maçônica — é a do Ar, reminiscência das iniciações egípcias.

O recipiendário deve dirigir-se às apalpadelas entre os obstáculos que deverá vencer; tendo os olhos vendados será guiado, no seu trajeto, como a criança que tem necessidade de ser sustentada para fazer os seus primeiros passos

Êste apoio, indispensável ao neófito, mostra que nos debatemos às cegas na vida e que não poderemos chegar a coisa alguma se não recebemos a assistência daquêles que são mais adiantados na senda. Dêstes, temos tudo que aprender e, o que temos a fazer, teremos sempre a maior necessidade de pessoas mais evolucionadas que nós.

O recipiendário parte do Ocidente, passa ao Norte e, pelo Sul, refaz a sua entrada no Templo. O Norte implica as dificuldades consideráveis que são simbolizadas pelas rudes geadas do Norte. Além disso, emboscadas estão semeadas sob os passos do viajante. Deve galgar uma altura e, quando chega depois de longas fadigas, e apenas respira sôbre o cume abrupto, é assaltado por um violento furacão; ronca o trovão, o solo treme, o granizo cai, enfim, um vento furioso se levanta ao qual é difícil enfrentar, O recipiendário é sempre guiado; o vento tempestuoso toma-o no seu turbilhão; sente-se transportado no espaço e rola no ar agitado, até o lugar de que partirá. Êste vento

corresponde à experiência do ar da iniciação egípcia. O vento afasta as impurezas do trigo e de outros grãos quando eles são colocados em lugar de sopro de ar; assim o homem, transportado pelo sopro do espírito, é purificado de suas impurezas.

Oswaldo Wirth, no seu Livro do Aprendiz, faz-nos conhecer a conclusão de sua primeira viagem:

“Sob o ponto de vista moral, a primeira viagem é o emblema da vida humana — o tumulto das paixões, o choque dos interesses, as dificuldades das empresas, os obstáculos que se multiplicaram sob os nossos passos de concorrentes apressados, prejudicando-nos e sempre dispostos a nos achincalhar, tudo isso é figurado pela irregularidade do caminho que o recipiendário percorreu e pelo ruído que se faz em torno dele.

“Sobe com dificuldade uma altura da qual cairia no abismo, se um braço protetor não o tivesse amparado. Isso indica como, isolado, entregue aos seus recursos individuais e unicamente preocupado em vencer na vida, entregando-se muitas vezes a um trabalho insano para não colher senão ruína e decepção, torna-se egoísta. O egoísmo é um guia enganador que traz as mais amargas e mais desastrosas torturas”.

E’ durante a segunda viagem que se realiza a purificação pela Água. Nenhuma purificação foi mais usada nas iniciações antigas. Vimo-la no Egito. Encontramo-la na Judéia com o batismo de João, que a retomou na Igreja cristã. Vimos, também, que uma imersão total precedia à iniciação dos Mistérios de Eleusis.

A terceira viagem é a que comporta a experiência do Fôgo. Nenhuma experiência é mais qualificada para notar as tradições do Egito. Vimos que, no interior da Pirâmide, o adepto devia fazer seu caminho no meio dos brazeiros. O cerimonial maçônico simplificou esta experiência; entretanto, o recipiendário deve atravessar um tríplice círculo de chamas; é por três vezes envolvido em um manto ardente.

E’ fácil discernir o simbolismo desta experiência. O iniciado deve chegar ao completo domínio de si mesmo. Deve, assim como a salamandra, viver entre as chamas, sem sentir os seus efeitos; estas chamas são as paixões humanas. Não as destrói tôdas, mas entre elas estão as magníficas energias, as mais intensas, e os mais raros heroísmos; deixa-se penetrar pelo calor que se desprende sem queimar; mas não se avilta nunca.

Sabe que a paixão é, muitas vezes, as asas do entusiasmo e que o entusiasmo cego é o único que pode ser perigoso.

Se o entusiasmo é esclarecido por uma inteligência superior, não há força de que se possa tirar maior partido; só ele dá a fé aos mártires; só ele comunica este ardor do coração sem o qual não se saberia fazer nada de grande. O adepto mesmo não deve ser frio, mas deve saber escolher os seus entusiasmos; deve deixar que sua alma tome o vôo em direção de tudo o que é generoso e sublime. A piedade deve tomar em seu coração proporções de um amor; deve correr em socorro de seus semelhantes, como correria para as alegrias.

Vitorioso entre as chamas, o postulante é submetido a uma nova experiência: a do cálice da amargura.

Apresenta-se primeiramente aos postulante urna bebida doce — geralmente açucarada — que o recipiendário deverá esvaziar até o fim. Mas esta bebida é substituída por uma bebida amarga.

Esta mudança não deixa de surpreender desagradavelmente ao recém-vindo. E’ a ocasião em que o venerável mestre da Loja aproveita para explicar ao futuro maçom o símbolo deste cálice de amargura.

A vida vem a ser doce ao adepto, mas quantas amarguras esperam aqueles que traem seus irmãos!

Fora da Loja, êste cálice de amargura é a imagem da sorte que, frequentemente, é prometida ao iniciado. Se êle tem ambições egoísticas enquanto procura a Sabedoria, será frustrado em suas esperanças; mas êsse não deve ser o seu fim. Se a vida lhe reserva ainda novas amarguras, deverá ficar calmo e resignado. Se cumpriu verdadeiramente a filosofia iniciática, a adversidade passageira dêste mundo não poderá abatê-lo; a ingratidão e a maldade dos homens não devem surpreendê-lo. Êle sabe o que pode esperar desta vida; não se surpreende nem se mostra Indignado. Esquece as injúrias que lhe foram feitas na cólera ou em outra paixão, como se esquece'm as palavras de uma criança ou de um ébrio, sentindo mesmo um pouco de piedade por quem as pronunciou.



5. A consagração

Depois de diversas experiências, o recipiendário é, enfim, admitido. O iniciado é conduzido diante de um altar onde ele se liga por laço solene e promete guardar, sob a condição do segredo mais absoluto, tôdas as revelações que lhe serão feitas; todos os segredos da Franco-Maçonaria podem ser-lhe confiados, porque não deixará coisa alguma no domínio dos profanos.

Diante do mesmo altar, o iniciado promete aplicar as suas fôrças e tôda a sua inteligência à pesquisa da verdade, consagrar-se inteiramente ao triunfo sublime da justiça, amar seus irmãos e assisti-los segundo os seus meios, e submeter-se às leis que regem a Franco-Maçonaria.

Enfim, sempre na forma de juramento, dispõe-se a sofrer qualquer suplício e mesmo a morte, se fôr criminoso por faltar aos seus deveres.

A Luz é-lhe concedida! Ao sinal dado, tira-se a venda. Acha-se êle no Templo todo iluminado; mas, apesar dêste aspecto de festa, seu temor é patente diante dêsses novos objetos; rodeiam-no todos os irmãos, com as espadas para seu peito. Porque esta ameaça? Não é uma ameaça, mas êles querem fazer compreender que estão todos unidos contra o perjuro e que todos não formam senão um, quando fôr necessário castigar.

O iniciado dirige-se para o Oriente. Põe o seu joelho em terra e a perna esquerda em esquadro com a direita. Em sua mão esquerda, tem um compasso aberto

cujas pontas dirige para o seu próprio seio, ao passo que a sua mão direita está colocada sobre a espada do venerável. Este gládio mesmo repousa sobre os estatutos da Ordem. Põe-se completamente à disposição de seus chefes, afirmando-lhes que é inútil usar de suas armas, pois está prestes a fazer justiça em si mesmo se vier a contrariar as leis que solenemente aceitou.

Nêste tempo, o venerável, diante dos élos que acabam de ser confirmados, toma o gládio com a mão esquerda, estende-o sobre a cabeça do recipiendário e pronuncia a fórmula de consagração, batendo três vezes o martelo sobre a lâmina.

Com seu gládio toca, depois, as espáduas do neófito e, levantando-o, dá-lhe uma cutilada, saudando-o pelo nome que terá só-mente entre os maçons: "Meu irmão".

Recebeu ao mesmo tempo as insígnias do grau de aprendiz: a plaina (emblemata do trabalho) e dois pares de luvas brancas.

Estas são para êle, em sinal de pureza, sempre brancas, porque simbolizam à seus pensamentos e intentos. Outra deve ser a oferta do iniciado à mulher que êle mais ama.

Realizado êste rito, o novo iniciado recebe a comunicação das palavras, sinais e toques que o farão reconhecer pelos outros maçons; enfim, o vigilante lhe faz executar, em um retângulo desenhado na terra, o andar especial ao seu grau e que provém, sem dúvida, de uma antiga dança ritual, caída em esquecimento. E', então, proclamado membro ativo da Loja.

Os sinais de reconhecimento de aprendiz são de duas espécies: antes de tudo, o sinal de ordem: a mão direita espalmada sob a garganta, os quatro dedos reunidos e o polegar afastado em esquadro. O sinal de reconhecimento, propriamente dito, é mais complexo. À despedida, o aprendiz acha-se na mesma posição, direita, em esquadro diante da garganta. Em seguida, o aprendiz, imitando o gesto de apertar a garganta, desloca a mão horizontalmente para a sua espádua direita e a deixa recair docemente ao longo do corpo, descrevendo assim no ar um esquadro. Êste gesto é ainda um protesto de fidelidade para com aquêles que o admitiram em seus ritos iniciáticos.

O aprendiz preferiria ter a garganta decepada do que revelar o mínimo que fôsse do que lhe foi confiado. E' sempre a grande preocupação maçônica do segrêdo guardado e do juramento que não deve nunca ser transgredido, sob pena de morte.

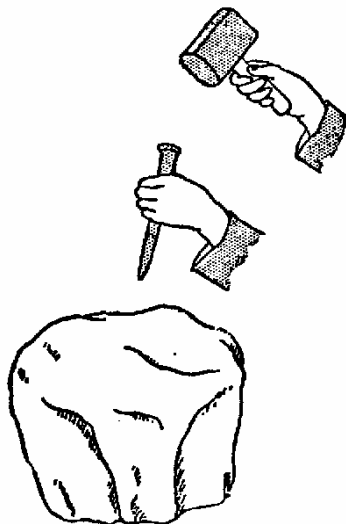
A orientação é cuidadosamente observada nos ritos e cerimônias da Franco-Maçonaria. Na maioria das vezes, está-se voltado para o Oriente, e a razão é fácil de ser deduzida. O recém-chegado vai para êste ponto, porque é do Oriente que nos vem a luz, e é a luz que êle pede.

Nas iniciações antigas, os edifícios do culto eram sempre voltados para o Oriente; do mesmo modo como o é hoje para as igrejas. Assim, os fiéis e o sacerdote reunidos estavam sempre voltados para o Leste durante as cerimônias. Como o Sol, o mestre da Loja, cujo dever é espalhar a luz, volta-se para o Oriente. A aurora levanta-se nêste ponto do céu; do mesmo modo quando se abrem as sessões, o venerável sobe para o seu estrado e senta-se na sua poltrona para dar sinal aos trabalhos do dia.

Os vigilantes, que estão encarregados da boa execução dos ritos, colocam-se, ao contrário, ao lado do Oeste. E' pelo ocidente que a luz nos deixa; é ao poente que se encontra a porta pela qual os adeptos sairão; a luz recebida não deve sair com êles; o segrêdo deve ficar no Templo. Os aprendizes rnaçons são colocados ao Setentrião, porque é a parte do céu menos esclarecida, porque a sua instrução é ainda limitada. Não será senão com os outros graus que êles terão acesso para a luz, a mais completa.

6. O trabalho do aprendiz

O trabalho dos aprendizes, que é o aperfeiçoamento de sua personalidade, é assim descrito pelo ritual: “Êles trabalham em desbastar a pedra bruta, a fim de que a despoje de suas asperezas e a aproxime de uma forma em relação com o seu destino.”



A pedra bruta, como vimos, é o homem tal como o tem feito a natureza e a sociedade; é ainda completamente penetrado de matéria e seu julgamento adormecido é falsificado pela anteposição dos interesses materiais e pelas paixões.

E', pois, o aprendiz que vem apenas compreender quanto está afastado do ideal que êle deseja atingir e aproximar-se d'êste ideal, despojando-se de suas imperfeições. Dois utensílios lhe são entregues para isso: o malho e o cinzel.

O cinzel é o discernimento, o entendimento, o julgamento. Mas o julgamento é sem ação, do mesmo modo que é sem força, se o malho não lhe presta o seu rude apoio. Êste malho é a vontade quando é bem dirigida. Um não pode passar sem o outro e o seu desenvolvimento criou já um feliz equilíbrio na personalidade do aprendiz.

Se o malho existisse só, seria uma força cega que, batendo sôbre a pedra, a quebraria em mil pedaços em lugar de lapidá-la. A vontade é uma força admirável, mas também, se ela não fôr eonduzida por um juízo esclarecido, será má, tanto para aquêle que a possui, como para aquêles que sofrem os seus efeitos.

Tais são os ensinamentos do grau de aprendiz. Tal é o simbolismo de suas experiências e de seus ritos. Seu fim aparece-nos claramente: leva o homem ao conhecimento próprio, a aperfeiçoar-se, porém não chegará a êsse fim senão com os utensílios confiados ao companheiro.

SEGUNDO GRAU - COMPANHEIRO

Depois de um estágio, o aprendiz, que seguiu assiduamente as reuniões do atelier e as assembléias da Loja, pode aspirar a tornar-se companheiro. Com seu malho e seu cinzel, teve tempo de dar à pedra bruta de sua personalidade uma forma bastante vizinha daquela que êle deve ter, mas sabe agora quanto esta pedra está longe do que ela deve ser.

Para que a pedra cúbica venha a ser admitida nos alicerces do Templo, é preciso ao obreiro muitos trabalhos e conhecimentos que êle não possui ainda e não os obterá senão depois das experiências necessárias, ao mesmo tempo que lhe será conferido o grau de companheiro.

Durante seu estado de aprendiz, o maçõn deve pensar e instruir-se sôbre o que fazem os seus irmãos, conhecer suas aspirações e esperanças; eis porque é primeiramente interrogado sôbre o que êle pensa da Franco-Maçonaria, agora que nela entrou.

Pergunta-se-lhe também o que êle pensa de sua iniciação e quais são suas impressões sôbre as experiências a que foi submetido antes de vir a ser aprendiz.

Êste interrogatório tem por fim saber qual é a inteligência do aprendiz.

A observação que, êle exerceu desde que entrou na Ordem desvenda claramente as suas faculdades. Apresentam-se-lhe questões que o constroem a julgar-se, a mostrar se compreenderá o simbolismo e se é possível confiar-lhe os segredos.

Para ser admitido como aprendiz é preciso possuir qualidades de reflexão, trabalho, bons costumes. Mas, em seguida, pede-se mais; observa-se se o despojar dos metais simbolizou bem para êle o desprendimento dos bens~ materiais; se êle adquiriu realmente, senão o desprezo das riquezas, ao menos um apêgo menos intenso ao interesse.

E' preciso também que tenha tomado o hábito da reflexão sêbre as coisas dêste mundo, da meditação sôbre as grandes idéias.

Deve aprender a descer em si mesmo para penetrar a sua natureza, a perscrutar as qualidades e os defeitos que se ocultam no fundo de sua consciência como a Verdade em seu poço.

E' sôbre estas respostas que o aprendiz é julgado e que se lhe pode interpelar se êle está no direito de pedir um adiantamento.

Nêste caso, é o mestre da Loja que faz esta proposta, mas, antes que seja estabelecido sôbre ela, é preciso que o futuro companheiro passe um exame muito detalhado de todos os outros aprendizes, e que responda perfeitamente a tôdas as questões que lhe são apresentadas, relativas ao que é ensinado aos aprendizes.

Depois dêste exame, é indispensável, segundo o ritual, que o Interlocutor obtenha uma espécie de certificado oral do mestre de sua Loja que deve dizer em têrmos próprios que o Aprendiz fez o seu tempo e que seu Mestre está satisfeito com êle.

O aprendiz não sé apresenta mais com a humildade que lhe era imposta quando era um simples profano.

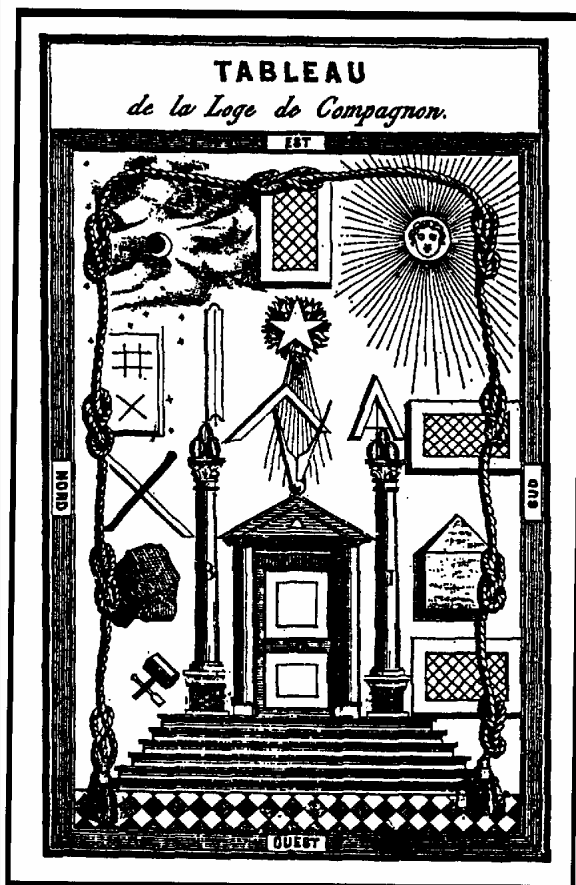
Se naquêle momento devia penetrar no Templo com os olhos vendados, a cabeça abaixada, o corpo curvado quase junto à terra, apresenta-se agora em atitude altiva.

Quando é chamado, dá três passos simbólicos e se afasta, ereto, de cabeça erguida, entre os dois vigilantes que se mantêm ao dois lados, junto das colunas de Jakin e de Bohaz.

A coluna de Jakin é vermelha; a coluna de Bohaz é branca. Elas simbolizam o equilíbrio dos contrários, cujo resultado é a perfeita harmonia.

A coluna de Jakin representa o princípio masculino, a Fôrça, o Homem, o Sol, tudo o que é ativo e positivo.

A coluna de Bohaz representa o princípio feminino, a Beleza, a Luz, a Mulher, tudo o que é passivo e negativo, tudo o que não é de uma vida pessoal, mas irradia uma fôrça recebida para transmiti-la em tôrno de si.



Explica-se, então, ao postulante que as experiências que têm precedido à sua admissão ao grau de aprendiz, experiências de purificação, tinham por fim torná-lo capaz de ver a luz.

Seus olhos, efetivamente, foram vendados durante todo o curso de suas “viagens” e não é senão à sua verdadeira recepção, depois da experiência que revelou as suas qualidades e lhe foi tirada a venda dos profanos, que é admitido a ver o que é autorizado aos irmãos.

Mas todo êste trabalho não é senão uma obra negativa; destrói po adepto o profano que foi.

Presentemente, ao segundo estado iniciático, convém fazer obra positiva; é preciso construir; é preciso criar uma personalidade nova; é preciso dirigir seus atos como seus pensamentos: é o papel do companheiro.

Depois de destruído o edifício informe e grosseiro, é preciso edificar um outro que esteja conforme o plano eterno.

E' preciso fazer obra social, mostrando-se verdadeiramente digno do grau que vai receber.

Colocam-se aqui cinco experiências ou, para falar como o ritual, cinco viagens que são requeridas do companheiro, antes de sua iniciação nêste novo grau.

No decurso da primeira viagem, remetem-se ao postulante o malho e o cinzel que são os emblemas do grau que êle solicitou para passar e que lhe têm servido até o

presente.

Éstes instrumentos de seu grau antigo servem para faier compreender a que ponto a obra que êle executou, mesmo com tôda a boa vontade possível, é insuficiente em presença de tudo o que fica ainda por fazer.

Certamente, por meio do malho (a vontade) e do cinzel (juízo), ~le se vê forçado a tirar da pedra bruta a pedra cúbica própria a tomar lugar no edifício que será a obra perfeita da Franco-Maçonaria.

Mas que é a pedra apenas desbaratada diante do edifício a construir?

Ela nem mesmo é digna de ser empregada nos trabalhos subterrâneos onde nenhum olhar poderá vê-la.

Para levantar a obra é preciso que haja materiais cuidadosamente preparados.

Armado dêstes instrumentos de trabalho, o futuro adepto começa sua primeira viagem, e esta viagem consiste era fazer a volta da Loja.

Durante êste trajeto, diversos quadros observam ao postulante os cinco sentidos que a Natureza pôs à sua disposição: a Vista, o Ouvido, o Olfato, o Paladar e o Tato.

Estas 'são as armas 'do conhecimento. E' por meio dos cinco sentidos que o postulante deve, com pleno conhecimento de causa, tomar contacto com o mundo exterior.

Como em tôdas as iniciações, o primeiro ponto a encarar é o vonhecimento de si mesmo.

Antes de formar o juízo sôbre os outros, o postulante dave aprender a julgar-se, a discernir seus defeitos e suas qualidades e a ver o uso que faz de uns e de outros.

Não será senão quando êle tiver cumprido até uma absoluta perfeição, a educação de seus sentidos, quando estiver certo de que não será joguete das ilusões, que o adepto poderá permitir-se julgar os outros.

Além disso, não é sômente questão de bondade e clarividência, mas também conhecimento profundo de tudo o que nos rodeia.

A Natureza é o melhor livro em que o adepto pode tirar os meis úteis dados.

Se chegar a ser capaz de lêr o que nos rodeia, ultrapassará seus mestres em clarividência e em julgamento. E' preciso que os seus sentidos estejam nítidos para servir bem a alma.

No decurso da segunda viagem, o antigo aprendiz, depondo as insígnias do grau que vai deixar, recebe uma régua e um compasso.

Aprendeu a servir-se de seus sentidos; é preciso aprender a dirigi-los e mantê-los na senda reta.

Recomeça a viagem em torno da Loja, mas não são mais os simbolos dos sentidos que estão submetidos ao seu olhar, são os modelos das obras arquiteturais capazes de lhe fazerem compreender o que o espírito está em estado de tirar da materia bruta, quando a submete à sua lei, quando tira da harmonia dos elementos grosseiros, quando a vontade bem dirigida é submetida à ciência.

E' o fim da segunda viagem, no decurso da qual se mostra a iniciado os meios de levantar e, por consequência, as 4 principais ordens da arquitetura: a dórica, a jônica, a corintia e a toscana.

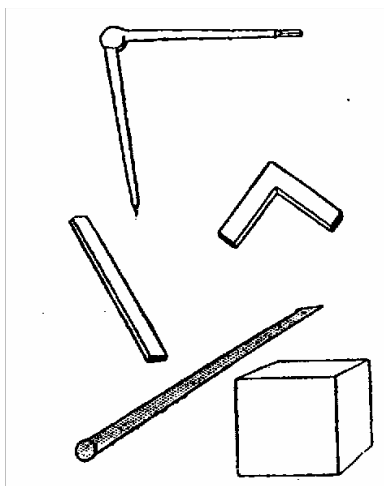
A ordem dórica, a mais simples e mais masculina, é também a mais antiga; mostra os grandes planos e as grandes linhas, cheias de ornamentos másculos e sóbrios.

Exprime uma notável sobriedade. E' o emblema de Zeus, para manifestar a nobreza do homem, o desenvolvimento da vontade e tôdas as fôrças masculinas, simbolizadas no outro pela coluna de Jakin.

A ordem jônica, com as suas volutas enroladas, representam a iniciação jônica feminina; é o símbolo da mulher e da graça, da coluna de Bohaz, desta linha curva onde

reside a Beleza. Nota as iniciações femininas do Arquipelago, os cultos voluptuosos das Astartéias e dos Tammouz e, na ordem das iniciações gregas, os ritos entusiásticos de Dionisios e de Demeter; é a lembrança dos Mistérios de Eleusis. E' esta a ordem a que se ligam tôdas as fraternidades iluminadas, desde as medievais confrarias, até os martinistas e rosa-cruzes.

As outras ordens são compósitas e misturam todos os bens da Natureza aos planos estrictos traçados pela vontade do homem.



Os utensílios confiados aos noviços também têm o seu simbolismo. A régua ensina a retidão, mostra-lhe que deve traçar o seu caminho reto para chegar a seu fim, sem faltar com sua palavra.

O compasso ensina-lhe a medida, a prudência, a circunspecção que estuda o caminho antes de entrar, não para recuar, mas para conhecer todos os obstáculos, evitá-los ou enfrentá-los, segundo a sua natureza, e não -se deixar arrastar por eles.

O recipiendário é, em seguida, reconduzido ao seu lugar e, para a terceira viagem que ele deve empreender, recebe uma régua e uma alavanca.

Recomeça o seu giro na sala, mas desde o principio, se lhe apresenta um cartaz em que estão inscritos os nomes das artes liberais: gramática, retórica, lógica aritmética, geometria, astronomia, música. Estas sete artes se resumem em quatro, porque as três primeiras — gramática, retórica e lógica — não formam senão unia: a arte de falar.

Se o futuro companheiro deve fazer em torno de si uma obra útil, é preciso aprender a falar, a espalhar idéias úteis que lhe tenham sido ensinadas. Sua palavra mesma, e sobretudo se ele fala bem, não deve ser um conjunto harmonioso de palavras sonoras; deve aprender a pensar judiciosamente, a medir as suas palavras antes de semeá-las inconsideravelmente, não importa o terreno. E' uma grande força a palavra: ela pode ter imensa repercussão sobre os seres e, se não os arrebatam para os abismos, como acontece à palavra dos loucos que não sabem nunca a quem eles se dirigem nem quais são as conseqüências de seu propósito, é um poder imenso para educar os seres, conduzi-los a uma boa senda e manejá-los de maneira que lhes seja mais vantajosa sob o ponto de vista de sua evolução.

Vem, em seguida, a aritmética que é a arte de contar. Não é preciso considerar esta ciência como uma arte mercantil, mas lembrar-se de tudo o que Pitágoras deduziu da ciência dos números e como soube mostrar por eles que o Universo corresponde a ritmos submetidos, como todos os ritmos, à lei do Número Divino. A geometria, que vem logo depois, é a arte de medir E' por ela que os sábios conhecem a medida do mundo visível, mas para o iniciado as figuras geométricas revelam os segredos de tôdas as cosmogonias; por infelicidade, a maioria destes segredos tornam-se impenetráveis para a

atual iniciação maçônica.

A astronomia, que é a ciência dos astros, o conhecimento de seus movimentós, é a utilização dos dados geométricos pela medida do céu e o estudo do Cosmos. Outrora, era para o adepto uma fonte de meditação sôbre os ritmos mais perfeitos que têm presidido às obras do Grande Arquiteto do Universo.

Certas Lojas rejeitavam tôda espiritualidade, afastando mesmo a crença em Deus e caindo no pior materialismo. Aqui não é, pois, lugar de encarar as teorias que fazem presidir os astros a correntes, suscetíveis de influenciar, a vida humana e modificar as suas possibilidades. Como, repellido o espiritualismo, se admitiria o antigo ensino iniciático do Macrocosmo-Universo, criado sôbre o mesmo ritmo que o Homem-Microcosmo, um ensinando o outro e todos os dois podendo agir e reagir reciprocamente, em virtude dêste ritmo idêntico vindo a equilibrar os seus esforços?

A música, a última das artes liberais, foi um meio de iniciação pelo qual Orfeu havia civilizado o mais artista dos povos.

Êste conhecimento dos sons, as suas relações, os ritmos e as harmonias poderão ser um grande recurso para o iniciado que extrai o meio de comungar com os mundos superiores.

Entre certas pessoas sensíveis, a música desenvolve ritmos particulares, como sucede entre os dançarmos sob a hipnose e as artes videntes que ela dirige ultimamente.

Êste conhecimento iniciático, que poderia ter grandes e aproveitáveis resultados para desenvolver as qualidades e aplacar a violência, está também perdido como as outras tradições.

O simbolismo dêste ensinamento é que o homem que desejar ser um iniciado não deve confiar demasiadamente em suas próprias fôrças para atingir à iluminação divina; certamente pode e deve recebê-la quando o tempo chegar, mas deve estar preparado por sérios estudos e começar pelo A. B. C., antes de pedir a chave dos enigmas considerados mais transcendententes.

Depois dêstes estudos, o adepto pode ser confiante nos ensinamentos que lhe serão dados e que, através de todos os conhecimentos humanos, o conduzirão até a astronomia que lhe faz compreender o mundo mais divino que se ergue da ciência, porque a palavra do Salmo é sempre exata: Os céus cantam a glória de Deus.

O futuro iniciado deve aprender e apurar-se para estar, enfim, em condições de fazer dois atos que reclamam muito estudo, porque êles nos parecem os mais simples: compreender, usar da nossa inteligência, e sentir, submetendo os sentidos ao sentimento, esta polaridade feminina do espírito.

No que concerne aos instrumentos de trabalho confiados ao companheiro, vimos que está em primeiro lugar a régua, símbolo da retidão e de uma boa direção moral; em seguida, está a alavanca que, segundo o pensamento de Arquimedes, é capaz de sublevar o mundo; ela representa o esforço humano que não deve perder a coragem quando o fim elevado dêsse esforço lhe foi revelado. É quando adquiriu êste conhecimento que o postulante companheiro empreende a sua quarta viagem.

No decurso desta quarta viagem, o postulante aprende a servir-se do esquadro. Aprende, assim, a submeter tôdas as suas ações à razão, à lei moral que representa a medida.

É-lhe apresentado, em seguida, um novo cartaz em que estão escritos os quatro nomes dos Sábios gregos: Solon, Sócrates, Licurgo e Pitágoras.

Solon, que 600 anos antes de Jesús Cristo, foi o legislador de Atenas, era digno pela sua inteligência e a indulgência clarividente de sua direção, dando leis a esta cidade que foi a flor do mundo antigo. Sua fórmula era: Em tudo, é preciso considerar o fim, indicando, assim, que não é preciso ceder a êstes lances inconsiderados, sem se

observar se eles merecem atenção.

Quatrocentos anos antes de Jesús Cristo, Sócrates ensinou em Atenas a fé em um Deus único e, contrariando assim a religião do Estado, sofreu a pena capital que lhe foi inflingida. Bebendo cicuta, morreu calmamente, testemunhando assim a sua inquebrantável confiança na imortalidade da alma. Seu ensinamento foi todo moral; tinha tomado por divisa o adágio inscrito na fachada do Templo de Delfos: Conhece-te a ti mesmo.

Licurgo, que foi, no nono século antes de nossa era, o legislador de Esparta, não participa da benevolente brandura dos que o precederam na lista dos filósofos; foi para Esparta um senhor rude, e, se a Franco-Maçonaria e coloca em seus cartazes, é porque estabeleceu uma igualdade perfeita entre os cidadãos omitindo de boa vontade a ferocidade de que deu provas contra os escravos e os llotas. Entretanto, produziu a grandeza de sua patria, e, como criador dessa glória, tem direito à admiração.

Pitágoras está colocado por último e merece ser considerado como um dos limites do pensamento humano. Para -êle, tudo é submetido à regra, ao número, manifestação da lei divina. Foi um dos mais corajosos campeões da crença de um Deus único e a única recompensa que êle promete é, como vimos, a imortalidade.

Vê-se, por êstes quatro nomes propostas à admiração e juízo do postulante, que a Franco-Maçonaria, em seu começo, foi inteiramente espiritualista, porque todos os seus antigos iniciadores o tinham sido e forneceram disso abundantes provas.

Também êste sentido profundo da iniciação deve desaparecer hoje dos ensinamentos maçônicos, porque evoca a grande lembrança do Sábio de Samos?

Pitágoras, se pudesse conhecer as revelações atuais, estaria verdadeiramente consternado pelo desconhecimento que se fez na Franco-Maçonaria, do sentido místico dos números e de seu simbolismo, que é a pesquisa do Um, do único Deus que merece as nossas adorações. Se a iniciação atual fosse realmente pitagórica, o iniciado deveria seguir os traços dêste iniciador, admitir a sua teoria e participar do culto do silêncio tal como o fez Pitágoras.

Tudo isso está bem longe das preocupações maçônicas! Se os franco-maçons fossem realmente discípulos de Pitágoras, não apresentariam aos companheiros a questão: Que seremos?

Os ensinamentos do Sábio de Samos afirmam antes de qualquer discussão: a alma que está purificada no decorrer de suas existências não tem outro fim senão Deus; sua recompensa é a imortalidade.

O símbolo do esquadro é tão claro quanto a maioria dos outros símbolos maçônicos.

O esquadro é o meio de estabelecer figuras geométricas de uma perfeita harmonia e de uma retidão completa. Tal deve ser a vida do adepto; não deve admitir o que pode ocasionar a vacilação, o recuo. Se não tem pelas suas próprias ações esta implacável severidade, nada obterá de durável sob o ponto de vista moral e menos ainda sob o ponto de vista iniciático.

O adepto deve reservar a sua indulgência para as faltas e os defeitos do próximo.

A quinta viagem do postulante é a última antes da sua definitiva admissão ao grau de companheiro. Para esta viagem tem as mãos completamente livres; não se lhe entrega utensilio algum; nada mais tem a fazer dêstes símbolos. Para o momento é suficientemente instruído. Chegou ao estágio final. Está prestes a ser iniciado. E' no decurso desta quinta viagem que êle vai receber a iniciação.

A quinta viagem deve, efetivamente, permitir ao companheiro perceber a luz, diretamente.

Para chegar a tal, êle deve antes de tudo galgar cinco palmos, os cinco degraus

misteriosos do Templo.

Éstes cinco degraus são de cores diferentes; são coloridos pelas tintas que a tradição hermética concede aos cinco planetas conhecidos pelos antigos.

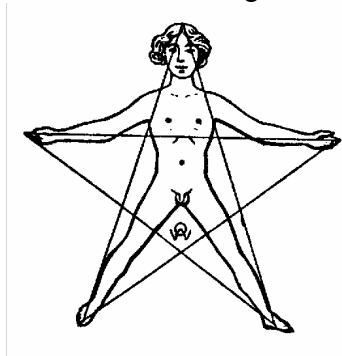
Segundo a tradição, a primeira, que é negra, corresponde a Saturno; a segunda, que é azul, designa o mundo de Júpiter; a terceira, que é verde, guarda a fôrça vital simbolizada por Vênus; a quarta, que é vermelha, é o emblema violento de Marte; enfim, a quinta, que é incolor e transparente como o vidro, é a de Mercúrio; é a mais aproximada do Mestre, Merçúrio sendo introdutor da alma junto aos deuses na iniciação grega.

Até que tenha feito a ascensão do quinto degrau, o adepto está na obscuridade tanto como em tôda a sala; a êste tempo, um pequeno ponto luminoso aparece como ao longe. Esta pequena chama aumenta rapidamente na obscuridade e logo figura uma estréia.



E' a estréia flamejante, cujas cinco pontas representam o ser humano. Ao centro da estrela brilha a letra G.

Esta letra G deu lugar a muitas explicações. Tem-se visto sucessivamente a Glória de Deus, a Grandeza do Mestre, a Geometria universal e ainda o Gênio, a Geração, a Gravitação, a Gnoee. Procuraram-se igualmente explicações na Cabala.



Não tardaremos aqui em explicações. No que concerne a estréia flamejante, o rito francês diz:

“A estréia flamejante é o emblema do gênio que eleva às granc~es coisas. E' a imagem do fogo sagrado que abrasa a alma de todo homem que, resolutamente, sem vaidade, sem baixa ambição, vota a sua vida à gloria e à felicidade da humanidade.”

Iniciaticamente, a estréia flamejante é a imagem do homem evolucionado, dotado de poderes psíquicos, diferindo nisto, como pelo trabalho de sua inteligência, dos homens que, não tendo recebido o dom divino, são figurados pelo pentagrama não iluminado.

Mas o iniciado desenvolveu fôrças; adquiriu novas fôrça, tirando do reservatório eterno que está aberto a todos aquêles que sabem achar o caminho; também agora que as suas fôrças estão elevadas ao décuplo nesta frequência quase divina, irradia sôbre aquêles que o rodeiam, atrai para a sua luz todos aquêles que a procuram e que sofrem, como a luz noturna serve de guia aos viajantes cheios de fadiga e de medo.

TERCEIRO GRAU – MESTRE

Antes de receber o grau de mestre, é preciso que o companheiro testemunhe que veio a ser esta pedra cúbica que foi o fim de seus esforços, tanto que recebeu esta suprema iniciação.

Então perdeu os seus defeitos; tem consciência de seus deveres; tornou-se perfeito para fazer parte integrante do editado em construção.

O domínio que lhe vai ser conferido não será senão a recompensa e o sinal do domínio é que êie o adquiriu por si mesmo e sôbre si mesmo antes de procur'ar dominar os outros.

Tal deveria ser, efetivamente, o Mestre, aquêle que se tornou tão útil e puro quanto possível, de maneira a não afeiar a obra sublime, o Templo, que a Humanidade deve elevar ao Grande Arquiteto do Universo, nome pelo qual se designa Deus nesta iniciação.

Antes de ser admitido ao grau de mestre, o postulante deve recapitular todos os ensinamentos recebidos até êste momento.

Pôr isso, para simbolizar êste estudo retrospectivo, faz-se com que o postulante caminhe para trás.

O postulante deve partir da Estréia flamejante e tornar a encontrar os utensílios que lhe foram entregues no momento de sua segunda iniciação: o êsquadro, a régua, a alavanca e o compasso, depois os utensílios das experiências do primeiro grau: o cinzel e o malho.

Deve esvaziar de novo o Cálice de amargura e lembrar-se das experiências do Fôgo, do Ar, da Água e da Terra.

Quando percorreu êste estado, começando pelo fim, volta ao gabinete de reflexão, que lhe demonstrará os seus princípios.

Encontra novamente todos os esqueletos, as lágrimas. Então, não se comove mais diante destas imagens, porque deve ter penetrado o sentido; elas lhe falam dos pequenos Mistérios que já ultrapassou. Não existe aí mais nada que êle deseje; espera obter os Grandes Mistérios sagrados.

Em que consisem estes Grandes Mistérios?

O momento que escolhiam os antigos iniciadores para revelar ao iniciado o mistério da morte e dos renascimentos. Mostravam-lhe que era preciso morrer para renascer, porém que, para aquêle que saiu vitorioso das experiências, muito tem a fazer do que recomeçar sem trégua êstes perpétuas reencarnações. O iniciado morre para o mundo para renascer na verdadeira vida.

Eis porque, no meio dos simbolos da morte terrestre, deve lançar-se fóra da vida para pedir à iluminação o segrêdo da vida real, da vida que floresce acima do túmulo.

Como a Franco-Maçonaria percebe e realiza esta parte tão importante da iniciação?

Pela simulação da morte de Hiram. Hiram simboliza o verdadeiro iniciado e, melhor ainda, a tradição maçônica.

Êle possui todos os segredos da Maçonaria, e é por possuir êstes segrêdos que foi morto.

Estudemos, primeiramente, esta reconstituição do assassinato de Hiram.

A sala em que êle se realiza é, em geral, uma Loja especialmente decorada de emblemas funerários. Para a circunstância, esta Loja toma o nome de "câmara do meio", e é ornada de preto.



O forro preto é carregado de lágrimas, de ossos cruzados, de caveiras. Esta sala é fracamente iluminada por uma caveira colocada sôbre o altar e cujos olhos deixam passar uma claridade difusa. Um catafalco é levantado no meio da sala.

Tal é o quadro em que se passa a reconstituição da Morte do grande iniciado Hiram.

Segundo a lenda, Hiram era êste hábil arquiteto que foi enviado pelo rei de Tiro a Salomão para a construção do Templo de Jerusalem. Conhecia todos os segrêdos de sua arte, e, demais, como faziam os árquretos das épocas iniciáticas, compreendia o simbolismo religioso que era a língua internacional de todos os Templos do Universo.

Eis porque Riram, aos olhos dos franco-maçons, simboliza o Conhecimento.

Tendo sob as suas ordens um número considerável de obreiros, Riram tinha-os repartido em aprendizes, companheiros e mestres, e lhes tinha, segundo os graus, dado uma palavra de passe e um sinal, a-fim-de que, no dia de pagamento e para tornar, mais fácil a cada um, ao pedir-lhes a palavra de passe e o sinal de seu grau, fossem êles pagos, segundo a sua resposta.

Era impossível passar de um grau a outro sem ter recebido do arquiteto ou daquêles que eram encarregados de o substituir, a palavra e o gesto do grau superior.

Sômente o mérito tornava acessível tal graduação.

Três companheiros, ambiciosos e sem talento, conspiravam para arrancar .ao arquiteto a palavra que êle havia negado, não os considerando dignos de passar para o grau de mestre. Combinaram-se para obtê-la com o recurso da fôrça e alcançarem o seu fim.

Na noite do pagamento, um dêles se armou de uma régua, o segundo de um compasso e o terceiro de um martelo, e esperaram Riram, cada um em uma porta do Templo. Aturdido pelo primeiro golpe da régua, Riram voltou-se para outra porta, mas recebeu um golpe de martelo; depois, caminhando para a terceira porta, encontrou o outro companheiro que lhe enterrou o compasso em pleno coração. Não tinha revelado a palavra.

Os assassinos, tomados de um horrível pavor, acharam-se embaraçados diante do cadáver de sua vitima. Conduziram-no bem longe, no vale de Cedron e enterraram-no provisoriamente; depois fugiram. No dia seguinte, a ausência incompreensível de Hiram pôs todos os companheiros em campo. A ausência dos três maus companheiros despertou-lhes a idéia de q~ue alguma desgraça havia sucedido. Procurou-se primeiramente o corpo, que foi encontrado, graças a um ramo de acácia plantada sôbre a

sepultura de Hiram, improvisada pelos assassinos, que pensavam poder dar-lhe, mais tarde, funerais mais convenientes.

Não é preciso admirar êste cuidado; acreditava-se outrora que um morto, privado de sepultura religiosa, se prendia aos homens e os perseguia com seu ódio.

Encontrado Hiram, encontraram-se mais tarde os assassinos, que pagaram com a vida o crime que haviam cometido.

Como dissemos, Hiram é, na Franco-Maçonaria, o símbolo da Iniciação, da Ciência Secreta que não seria confiada senão a pessoas experimentadas, aptas para compreender e incapazes de empregá-la para maus fins.

E' para conhecer as disposições dos adeptos futuros que é necessário constrangê-los a passar todos os graus.

Os três companheiros simbolizam tudo o que se opõe a urna iniciação real: a Mentira que procura matar a Verdade sorratamente, por meio da régua que deveria servir para estabelecê-la; a Ignorância que usa brutalmente do malhó de uma vontade sem freio; a Superstição que quer tudo medir com o seu pequeno compasso e prefere plantá-lo no coração do Sábio do que renunciar à sua rotina de abrir o seu ângulo estreito até à medida de seus grandes pensamentos.

Nenhum desses seres assim representados tem o direito de obter a iniciação e sobretudo pela violência.

Sobre o corpo do iniciado, o ramo de acácia, ficando, sempre verde, indica a sobrevivência do pensamento dominador do corpo.



Há aí uma noção de sobrevivência da alma, a perpetuidade do espírito, implicando um segredo guardado além do túmulo.

A acácia não foi escolhida sem motivo para êste emblema. Efetivamente, o ritual francês diz textualmente: "A acácia, cujas fôlhas se dirigem para o sol e se inclinam para

o sol poente, era considerada pelos egípcios e árabes antigos como urna árvore sagrada. Era dedicada ao deus do dia, isto é, à luz. No simbolismo da Franco-Maçonaria moderna, preencheu o papel que preenchiam nos Mistérios da antiguidade a palmeira dos Indianos, o salgueiro dos Caldeus, o lotus dos Egípcios, o niirto dos Gregos, o visgo dos Druidas. A acácia é o ramo de ouro da iniciação moderna”.

O ramo de acácia é, pois, o símbolo do franco-maçom chegado ao grau superior de Mestre.

Voltemos à reconstituição do assassinato de Hiram, na sala funerária forrada de preto.

Ela constitui a última experiência.

Comunica-se ao postulante que o assassinato acaba de ser cometido e que o cadáver do grande iniciado está ali, sob este catafalco. É o último iniciado ao grau de Mestre que simula o cadáver.

Simula-se procurar os criminosos que se ocultam e que não são conhecidos.

Sabe-se somente, segundo a lenda, que o assassinio foi cometido por três companheiros que quiseram obter à força a palavra de passe. Estes três companheiros são perjuros. Aquêles que se apresenta como postulante na câmara do meio não será um desses culpados? Deve provar, pois, que é inocente. As luvas que lhe foram confiadas no dia de sua admissão guardarão intactas ainda a sua brancura? O avental de pele branca ficou imaculado? Ele deve apresentá-los nesta candura perfeita, imagem da pureza de consciência e de seus pensamentos. Deve demonstrar que é sempre devotado à Ordem, incapaz de trair os sublimes segredos que vão ser revelados.

Os companheiros que se apresentam para ser admitidos ao grau superior, fiéis à Ordem, lamentam-se em torno do cadáver descoberto. O futuro Mestre, para demonstrar a sua inocência, deve, muitas vezes, passar por cima do cadáver.

Existe nesta cerimônia um ritual que Osvaldo Wirth nos descreve nestes termos:

“Partindo da cabeça que o contorna, passa por cima do peito colocando o pé direito sobre o braço direito do morto. O pé esquerdo executa em seguida o mesmo movimento, mas, sem repousar, prossegue, descrevendo um arco acima do abdomen para repousar sobre a perna esquerda. O pé direito junta-se logo ao esquerdo, mas só se coloca antes do pé direito do cadáver, onde se vem colocar imediatamente o pé esquerdo, formando um esquadro oblíquo”.

O cadáver acha-se, assim, atrás do postulante ao grau de mestre; aquêles mostrou a sua inocência; provou que não tem medo do morto; é digno de tornar-se mestre. O corpo por cima do qual passou não é o despojo do morto; é a matéria perecível da qual devemos separar-nos para atingir uma vida superior.

Mas o postulante deve mesmo ser identificado com o morto. Não tem mais que fazer senão tomar-se uno com êle; é uma fórmula antiga: morrer para renascer.

Simula-se, pois, um assassinato. É ferido da maneira que foi empregada contra Hiram, pela régua, compasso e malho. Cai por terra e toma o lugar que o último maçom admitido ao grau de Mestre ocupava quando simulava a morte.

O postulante morreu, agora, deve ressuscitar. Para despertá-lo da morte, inclina-se para o ouvido, pronunciando seu novo nome que é a palavra de passe dos mestres: Mac Bennac ou filho da putrefação, filho vencedor da morte ou filho do mestre morto. Levanta-se então e a câmara funerária toma-se resplandescente de claridade.

É então que êle é realmente Mestre e pode dizer: A acácia me é conhecida. A acácia é, como vimos, o símbolo da vida indestrutível, da sobrevivência da alma.



A insígnia do Mestre é o esquadro unido ao compasso.

A experiência final é, como em toda parte, o apêlo da morte; mas aqui esta concepção é figurada de maneira toda especial para a Franco-Maçonaria. É o assassinio de Hiram, caído como martir do segredo, que deve ser sempre respeitado, que anima a figuração da morte e dos funerais.

Aquêle que morre por uma causa justa, depois de ter vivido como um iniciado, aproxima-se bastante dos cumes da perfeição. Mas, com esta variante, a idéia é a mesma. O iniciado deve morrer para o mundo, a-fim-de renascer em uma vida nova. Deve apreciar a vida atual em seu verdadeiro preço, de maneira a deixá-la sem pena, quando o momento vier.

Dá-lhe um ramo da incorruptível acácia para lhe mostrar que a verdadeira vida resiste à morte corporal e este emblema é tanto mais frisante quanto o ramo de acácia é considerado como se fôsse colhido sobre o cadáver de Hiram.

O Sábio pode morrer vítima da brutalidade e da ignorância dos homens, mas em seu espírito ri-se da morte, porque êle previa-mente a vencera, recebendo a sua iniciação nos Mistérios.

Era êste o mais alto segredo confiado ao adepto, quando recebia a consagração.

este pensamento o elevava acima da matéria, acima das vis paixões, acima de todas as misérias do mundo.

Aceitando e conformando-se com a sua vida, êle vem a ser verdadeiramente o Sábio que conquistou a verdade. O materialismo invadiu a iniciação e a Franco-Maçonaria cessou de ser, como o eram os ritos que ela pretendia perpetuar, uma escola de aperfeiçoamento, pois, êsse aperfeiçoamento, sem o seu verdadeiro fim, não conserva mais nenhuma razão de ser.

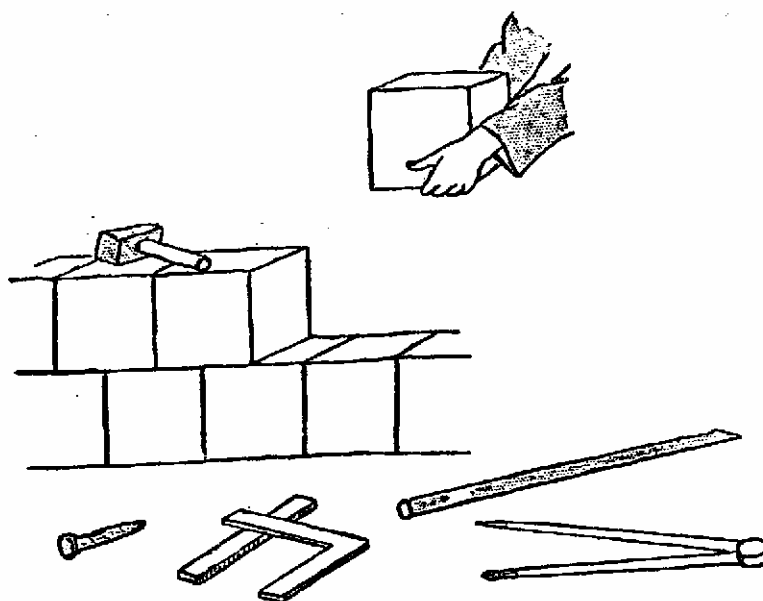


Figura simbolizando o trabalho do Venerável Mestre, empilhando as pedras cúbicas perfeitas para erguer as paredes do Templo Universal.

Bibliografia recomendada

Bayard, Jean Pierre – *A Espiritualidade da Maçonaria* - Madras – São Paulo.

Bayard, Jean Pierre – *Le Symbolisme Maçonnique Traditionel* – Editions du Prisme – Paris

Boucher, Jules – *A Simbólica Maçônica* – Editora Pensamento – São Paulo.

Durville, Henri – *A Ciência Secreta* – Editora Pensamento – São Paulo.

Ferré, Jean – *A História da Franco-Maçonaria* – Madras – São Paulo.

Lavagnini, Aldo (MAGISTER) – *Manual del Aprendiz* – Editorial Kier - Buenos Aires.

Lavagnini, Aldo (MAGISTER) – *Manual del Compañero* – Editorial Kier - Buenos Aires.

Lavagnini, Aldo (MAGISTER) – *Manual del Maestro* – Editorial Kier - Buenos Aires.

Wirth, Oswald – *La Franc-maçonnerie Rendue Inteligible a Ses Adeptes. 1ª partie: L'Apprenti* – Editions Dervy – Paris.

Wirth, Oswald – *La Franc-maçonnerie Rendue Inteligible a Ses Adeptes. 2ª partie: Le Compagnon* – Editions Dervy – Paris.

Wirth, Oswald – *La Franc-maçonnerie Rendue Inteligible a Ses Adeptes. 3ª partie: Le Maitre* – Editions Dervy – Paris.